

A ÂNFORA, O MANTO E O INFINITO

Márcia Atálla Pietroluongo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
mapietro@terra.com.br

Resumo: Este artigo interroga o novo lugar a ser ocupado pelo tradutor, a partir do estudo de algumas figuras benjaminianas, presentes em “A tarefa do tradutor”, que apontam para uma nova configuração entre sujeito e sentido.

Palavras-chave: tradutor, metáfora, metonímia, cadeia significante, sujeito e sentido.

Abstract: This paper will discuss the new role of translator, based on the study of some Benjamin metaphors and metonymies in “The task of translator”, which suggests a new boundary between meaning and identity.

Keywords: translator, metaphor, metonymy, production of meaning, identity.

Eis que um sujeito toma a palavra a partir da palavra de um outro nomeado - autor - e nesse movimento de tradução tem como meta, como projétil, abandonar qualquer resto de comunicação, buscando transmitir com a mais possível exatidão o conteúdo de um inessencial. Aqui, o sujeito-tradutor se desdobra na busca por um inapreensível, um incapturável, um intangível¹.

Não se trata de buscar semelhança alguma com o original, mas de deslocá-lo para um terreno único que exprima a íntima relação entre as línguas, ou no dizer de Jacques Derrida (1987, p. 232), que vise o ser-língua da língua. E como fazê-lo? Deprendendo-se do sentido do original.

Antes, a liberdade se demonstra, em nome da pura língua, na própria língua. A tarefa do tradutor é redimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo por meio da recriação [Umdichtung]. (Benjamin, 2001, p. 16)

Em seu célebre artigo “Conclusões: A tarefa do tradutor de Walter Benjamin” (2003), Paul de Man aponta, nesse prefácio de Benjamin à sua tradução de *Tableaux parisiens* de Baudelaire, três disjunções que concernem o sentido (p. 34-38). A disjunção entre a *hermenêutica*, que trata do sentido da obra, e a *poética*, que concerne à estilística, visando à maneira pela qual uma obra significa.

Uma segunda disjunção se dá entre *gramática* e *sentido*, dizendo respeito à questão da materialidade da letra, da propriedade que a letra tem, ao promover um deslizamento, de desestabilizar o sentido, tornando-o evanescente. Quanto mais literal for uma tradução, quanto mais calcada no *palavra à palavra*, mais tenderá a estilhaçar o sentido inicial.

Uma terceira disjunção que se opera entre o tropo propriamente dito e seu poder de totalização. Segundo De Man:

Cada vez que Benjamin utiliza um tropo que parece veicular a imagem de uma significação, uma total adequação entre a figura [retórica] e o sentido, uma perfeita figura de sinédoque na qual o tropo parcial exprime a totalidade de um sentido, Benjamin manipula o contexto alusivo no interior de seu texto a fim de que o símbolo tradicional seja deslocado de tal forma que mostre a divergência entre o símbolo e o sentido, mais do que seu acordo (p. 35).

O que isso implica para o trabalho do tradutor? Se a busca pelo sentido [do] original não mais lhe cabe, se sua tarefa reside na busca de um além que nenhuma língua sozinha pode almejar alcançar, se “a tradução não buscaria dizer isto ou aquilo, transportar tal ou qual conteúdo, comunicar tal carga de sentidos, mas *re-mar-*

car a afinidade entre as línguas, exibir sua própria possibilidade” (Derrida, 1987, p. 220), que lugar se atribui ao tradutor nessa nova configuração que se estabelece entre sujeito e sentido? Quem é este sujeito que se descortina a partir de tal relação?

O estudo de algumas figuras benjaminianas pode nos sugerir algumas respostas quanto aos deslocamentos radicais operados nas concepções de alguns tropos, particularmente quanto à metáfora e metonímia. No escopo greco-latino da teoria sobre as figuras, encontrava-se toda uma concepção de linguagem que se inseria numa tradição retórica na qual não havia clivagem alguma entre sujeito e sentido. Ao contrário, havia nesse âmbito uma confiança, uma euforia mesmo, fundadas na capacidade do homem de tomar a palavra e ordenar o mundo do *sentido*, na dupla acepção do termo, significação e emoção. O lugar próprio para essa dimensão do sujeito na linguagem era o lugar do *bem dizer*. Ética e Estética sempre de mãos dadas a serviço da busca pela adequação da expressão a um pensamento justo — preciso e reto — em conformidade com as concepções morais e sociais vigentes.

O artigo de Benjamin formula deslocamentos conceituais que fundam uma nova base de formulações de sentido e, necessariamente, determinam um novo lugar para o sujeito em sua relação com a(s) língua(s).

Que conseqüências, portanto, se colocam para o tradutor nesse novo horizonte de produção significante? De um âmbito em que *significar* era reconhecidamente estabelecer relações estreitas e estáveis entre referente e signo e, no interior do signo, entre significado e significante, *significar* passa a ser uma aventura sem controle sobre os signos do mundo, ou melhor, sobre significantes que se articulam a outros produzindo efeitos de sentido inusitados.

Tal ruptura será igualmente acentuada pelo psicanalista Jacques Lacan (1966) no âmbito da Teoria do Sujeito \$, que tem como fundamento a cadeia significante. Lacan subverte o conceito de signo, tal como este é concebido por Saussure, ao inverter o algoritmo saussuriano e sustentar a primazia do significante sobre o significado. Segundo Lacan, significante e significado não estão ligados

por uma relação biunívoca, ambos constituem “ordens distintas e separadas inicialmente por uma barra resistente à significação” (1966, p. 254). A barra que os separa demonstra a autonomia do significante para com todo significado preestabelecido. Ele afirma que “não há nenhuma significação que se sustente a não ser pelo reenvio a uma outra significação (1966, p. 254)”. É preciso desfazer-se da “ilusão de que o significante responde à função de representar o significado” (1966, p. 255).

O importante é o que a letra articula em seu encadeamento, não o sentido que arrasta, mas o que ela produz. O significante é um elemento pertencente a um sistema de relações. Em sua combinação, a letra significante, compreendida como “suporte material que o discurso concreto toma de empréstimo à linguagem” (1966, p. 251), produz efeitos de sentido não previsíveis numa relação biunívoca codificada na língua.

Há, nessa nova configuração, não mais um sujeito triunfante na origem de seu dizer, mas um sujeito afetado pela ideologia e pelo inconsciente através de sua língua. E no caso particular do tradutor, o duplo trabalho de significância e a diversa forma como sua subjetividade se constrói nas línguas em que circula.

O que nos diz Benjamin? A tarefa do tradutor não é a de buscar uma relação de *semelhança* com o original. Este deslocamento leva Paul de Man (2003) a se interrogar sobre o paradoxo sustentado por Benjamin no qual a tradução não deve ser a metáfora do original. Entretanto, *übersetzen*, em alemão tradução, significa também metáfora. A afirmação de Benjamin sustenta que a “metáfora não é uma metáfora” (p. 27).

Ora, o que muda na concepção de metáfora, cunhada pela tradição retórica é o fato de que os pressupostos que a fundamentam se deslocam. Como salienta Susana Kampff Lages (2001, p. 108),

A relação de similaridade em Benjamin não implica em igualdade nem imitação. Ela está mais próxima da noção de afinidade (*Verwandschaft*, parentesco, termo utilizado no

ensaio sobre a tradução), que supõe uma intimidade não ligada a uma analogia exterior, mas fundada sobre uma ligação não aparente, não sensível. Assimilar-se equivale a relacionar-se sem se tornar igual, reconhecendo as diferenças e fazendo com que elas entrem em contato entre si.

Tal perspectiva se esclarece na figuratividade da *ânfora* (na tradução brasileira, *vaso*)²:

Da mesma forma como os cacos de um vaso, para serem recompostos, devem seguir-se uns aos outros nos mínimos detalhes, mas sem serem iguais, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso (Benjamin, 2001, p. 14).

A imagem da ânfora constitui um belo exemplo do caráter *metaforonímico* da linguagem. Segundo Jacques Lacan (1966), a metonímia, caracterizada pelo deslizamento de um significante sob o outro, é uma pré-condição para a metáfora. Os cacos (tradução e original) representam o movimento de contigüidade metonímica e a ânfora, o processo de metaforicidade da linguagem, não por acaso cunhada por Derrida (1998) como *anmetáfora* (*anmétaphore*), verdadeiro exemplo de *condensação* freudiana, processo psíquico de superposição de elementos heteróclitos de forma a ressaltar o ponto central comum entre eles.

Lacan estabelece uma íntima relação entre seus conceitos de metáfora e de metonímia e os conceitos freudianos de condensação e deslocamento respectivamente. Embora Freud não dispusesse em sua época da formalização só posteriormente trazida pela lingüística estrutural, Lacan (1966, p. 268) sustenta que o estudo de Sigmund Freud sobre os sonhos trata precisamente da letra do discurso³.

No excerto benjaminiano acima, como observado por De Man, opera-se por trás da analogia estabelecida pelo símile (*da mesma forma como...*) uma disjunção. A analogia, aqui, não está a serviço da ênfase na *semelhança*, ao contrário, ela aproxima aquilo que de incompleto caracteriza as instâncias comparadas. Se semelhança há, ela se mostra como semelhante incompletude, semelhante aspecto não-todo, semelhante diferença que singulariza.

O que a analogia vem ressaltar é a diferença irremediável que trabalha no interior da língua, fazendo com que toda língua descoincida de si. A analogia se funda, assim, na negatividade e não na imaginária totalidade da positividade. O significante *amorosamente, mouvement d'amour* na primeira tradução francesa já citada, remete igualmente ao trabalho da *diferença* que cunha a tarefa do tradutor.

Investigando as duas formas de amar, tal como concebidas pela psicanálise freudiana e lacaniana, a *paixão imaginária*, dimensão onde há a exclusão da intersubjetividade, tramada na impossibilidade da relação sexual; e o *amor como dom ativo*, instância associada ao simbólico na qual o outro é percebido em sua diferença, abrindo a possibilidade para um amor satisfatório, para uma *intersubjetividade radical*, a tradutora Maria Paula Frota (2000), na esteira de Lacan, aponta para a dessemelhança na concepção de objeto, presente nessas duas concepções amorosas.

No primeiro caso, “A relação de objeto poria em cena uma relação intersubjetiva imaginária que, a rigor, consistiria numa relação de objeto a objeto, o sujeito sendo objetificado. O outro só é reconhecido em relação a uma necessidade própria”; “A intersubjetividade radical, por sua vez, põe em cena dois desejos, dois sujeitos do desejo, reconhecida a hiância por onde entrar o mundo do simbólico” (p. 260).

Trazendo essas concepções para o âmbito do campo da tradução e para o trabalho do tradutor, Frota sustenta:

Essa a estrutura que com a psicanálise podemos imaginar para a relação amorosa a ser vivenciada pelos tradutores: uma

estrutura logicamente constituída a partir da paixão imaginária, necessária mas melancólica, que se vem enlaçar à impossibilidade do Encontro, grande horror diante da falta real, mas que a seguir propicia o contingente encontro amoroso com um pequeno objeto que a supre. Supre parcial e provisoriamente, como pode e deve ser.

Esse o tradutor-amante: sabe, em alguma medida, que há falta e desejo, em si e no outro, assim deixando de buscar tanto um Outro, sem falhas, quanto um eu idealizado, um Eu. Um tradutor que consegue conviver com a diferença e com a imperfeição das línguas e dos escritores e, por isso mesmo, pode desfrutar de pequenos momentos de amor — um encontro especial com um autor, um texto prazeroso, uma palavra desejada, um sentido exato (p. 262).

Aqui também a afirmação da *dessemelhança* está na base da potência criadora. Assim como o amor surge da alteridade, o trabalho do tradutor se assenta na *diferença* produtora de efeitos de sentido.

A problematização da unidade é mais uma vez salientada por uma outra figura benjaminiana: o manto real.

Pois, se no original eles formam certa unidade, como casca e fruto, na tradução, a língua recobre seu teor em amplas pregas, como um manto real. Pois ela significa uma língua superior a si mesma, permanecendo com isso inadequada a seu próprio teor – poderosa e estranha. Essa fratura impede qualquer transposição e, ao mesmo tempo, a torna dispensável (Benjamin, 2001, p. 9-10).

Enquanto no original, há uma unidade aparente funcionando como *fruto e casca*, unidade que o trabalho da tradução vem denunciar, desvelando um original já fragmentário⁴, igualmente salientado pela imagem da ânfora, o texto traduzido funciona, segundo Benjamin, como um manto real com amplas pregas ou dobras. Em português,

o significante *real* aponta para o real do corte, aquele impossível de ser formalizado. Também atualizado pela *prega ou dobra*, o corte — *brisure* na primeira tradução francesa de Maurice de Gandillac⁵, *fratura* na tradução brasileira de Susana Kampff Lages — remete a uma completude impossível. O que a dobra vem assinalar é que

O texto, como tecido de traços, mascara outro texto, a princípio oculto: é a “tela que envolve a tela”, mas que deixa esta última emergir quando se desfaz a dobra (ou a prega, ou a ruga). A dobra — disposição de fios encobrindo outra disposição que, à mostra, suplementa a primeira — é a ausência que tece (Santiago, 1976, p. 26).

O efeito de uma dobra, ao colocar em contato elementos que anteriormente se encontravam separados, não seria, como indaga Luiz Alberto Oliveira (2003, p. 151) na esteira de Deleuze, a criação de novas dimensões e possibilidades de expressão? O grande foracluído aqui não seria o silêncio que não cessa de insistir por entre as frestas? Aquele lugar da linguagem que as traduções literais de Hölderlin viriam exaltar?

No limite, toda tradução deveria aspirar a uma aproximação com o silêncio produtor de sentido, os sentidos do original sendo apenas ponto de partida para a construção significativa operada pelo tradutor. É isto que nos sugere a figura benjaminiana da *tangente*:

Sendo assim, o que resta de significativo para o sentido na relação entre tradução e original pode ser apreendido num símile: da mesma forma como a tangente toca a circunferência de maneira fugidia e em um ponto apenas, sendo esse contato, e não o ponto, que determina a lei segundo a qual ela continua sua via reta para o infinito, a tradução toca fugazmente e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido do original, para perseguir segundo a lei da fidelidade, sua própria via no interior da liberdade do movimento da língua (Benjamin, 2001, p. 16).

O caráter *metaforonímico* da linguagem é mais uma vez reforçado aqui. O movimento próprio da tradução é o *deslocamento* da significância do texto de partida para uma nova conformação expressa na *condensação* significativa do texto de chegada.

Como afirma Benjamin é o contato, e não o ponto tocado, o fundamental a ser perseguido pelo tradutor em sua busca por uma escrita singular. Em *Totem e Tabu* (1912, p. 100-101), Freud esclarece a importância capital do *contato* para a construção da similitude metafórica e da contigüidade metonímica:

Os dois princípios da associação, a similitude e a contigüidade, encontram sua síntese em uma unidade superior: o *contato*. A associação por contigüidade equivale a um contato direto, a associação por similitude é um contato no sentido figurado da palavra. A possibilidade de designar pela mesma palavra as duas variedades de associação já prova que o mesmo processo psíquico preside a uma e à outra.

Eis aqui a chave para a tarefa do tradutor. Em sua deriva para o infinito da linguagem, em sua busca do ser-língua das línguas, o sujeito-tradutor funda sua travessia, sua contingência de trabalho amoroso no *contato*: aquele lugar da língua em que a singularidade desponta como efeito do movimento significante.

Esta é definitivamente, amorosamente, sua tarefa: perder-se. O tradutor toma a palavra e nesse movimento é fisgado por algo que o escapa. Porém, esse algo que o enreda trabalha. Urde com aquilo que o vai entre-tendo. Nos traços e nos intervalos, faz nele sujeito. Faz dele sujeito de um lugar incógnito. De um lugar que — na aventura da palavra — se escreve pelo avesso. Apontando incessantemente para o outro do lugar e do sujeito.

Dessa dimensão inequivocamente alterada, miragem a abismar o sujeito que desponta na trama da linguagem que o despossui, dessa extensão de um trabalho de Sísifo rolando aquela palavra-rochedo para o infinito de um lugar que nunca se sabe, a não ser que algo

estará para sempre perdido, um movimento se afirma. E nessa afirmação, um sujeito se escreve e se traduz.

Notas

1. Em “A tarefa do tradutor” (2001), Walter Benjamin questiona: “*O que “diz” uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é comunicação, não é enunciado. E, no entanto, a tradução que pretendesse comunicar algo não poderia comunicar nada que não fosse comunicação, portanto, algo de não essencial. Pois essa é mesmo uma característica distintiva das más traduções. Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado – e mesmo o mau tradutor admite que isso é o essencial -, não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inapreensível, o misterioso, o “poético”?* Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta? De fato, daí deriva uma segunda característica da má tradução, que se pode definir, conseqüentemente, como uma transmissão inexata de um conteúdo inessencial”. (tradução de Susana Kampff Lages, *Clássicos da Teoria da Tradução*, Vol. 1, pp. 189-191)

2. Na primeira tradução francesa de “La tâche du traducteur” de Walter Benjamin, feita por Maurice de Gandillac em *Mythe et Violence* (1971, p. 271-272), o significante *amphore* aparece: “*Car, de même que les débris d’une amphore, pour qu’on puisse reconstituer le tout, doivent être contigus dans les plus petits détails, mais non identiques les uns aux autres, ainsi, au lieu de se rendre semblable au sens de l’original, la traduction doit bien plutôt, dans un mouvement d’amour et jusque dans le détail, faire passer dans sa propre langue le mode de visée de l’original : ainsi, de même que les débris deviennent reconnaissables comme fragments d’une même amphore, original et traductions deviennent reconnaissables comme fragments d’un langage plus grand*”.

3. Em seu livro *Os Chistes e sua relação com o inconsciente* (1988), Freud observa que há uma profunda concordância entre os meios utilizados pelo trabalho do sonho e as técnicas estudadas no trabalho do chiste, tais como a condensação e o deslocamento, este último compreendido como um transporte do acento psíquico

de certas idéias e representações para outros pensamentos e representações. Esta coincidência não é fruto do acaso, tal fenômeno ocorre por serem a condensação e o deslocamento a base dos processos psíquicos humanos.

4. Como ressalta Paul de Man (2003, p. 25), a tradução “*revela no original uma mobilidade, uma instabilidade não imediatamente observada*”.

5. “*Dans l’original, teneur et langage forment une unité déterminée, comme celle du fruit et de l’enveloppe, le langage de la traduction enveloppe sa teneur comme un manteau royal aux larges plis. Car il est le signifiant d’un langage supérieur à lui-même et reste ainsi, par rapport à sa propre teneur, inadéquat, forcé, étranger. Cette brisure interdit une transmission qui, en même temps, est inutile* » (BENJAMIN, 1971, p. 262).

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor” in HEIDERMAN, W. (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Antologia bilíngüe: alemão-português. Florianópolis, NUT/UFSC, 2001. Tradução de Susana Kampff Lages.

BENJAMIN, Walter. “La tâche du traducteur” in *Mythe et violence*. Paris:Denoël, 1971. Tradução de Maurice de Gandillac.

DE MAN, Paul. “Conclusions: La tâche du traducteur” de Walter Benjamín. In: DE MAN, Paul, VON HUMBOLDT, Wilhelm, BYGG, Barton. *Autour de la tâche du traducteur*. France: Théâtre Typographique, p. 9-48, 2003.

DERRIDA, Jacques. “Des Tours de Babel”. In: DERRIDA, Jacques. *Psyché*. Invention de l’autre. Paris:Galilée, p. 203-235, 1987.

FREUD, Sigmund. *Totem et tabou*. Paris: Payot, 1912.

_____. *Sur le rêve*. Paris: Gallimard, 1988.

_____. *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient*. Paris: Gallimard, 1988.

FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

LACAN, Jacques. *Écrits I*. Paris: Seuil, 1966.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin – Tradução e Melancolia*. São Paulo: EDUSP, 2002.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. “Biontes, Bióides e Borgues”. In: NOVAES, ADAUTO (org). *O Homem-máquina*. A ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano (org). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.